A IGREJA DO SILÊNCIO (*)

MOZART SORIANO ADERALDO

Não sei de estultícia maior, nem de mais improfícua imprudência, do que arrogar-se alguém o direito de perseguir a Igreja de Cristo na pessoa de seus ministros e fiéis.

Os fatos históricos acham-se exaustivamente estudados; aí estão as lições que êsses acontecimentos nos oferecem. São autores insuspeitos, porque não católicos, que se angustiam por explicar, sem o indispensável apêlo a uma assistência divina, o surpreendente fenômeno da vitalidade da Igreja através dos séculos — vitória sôbre a fôrça oposta pelo Império Romano, vitória sôbre a agressividade dos povos bárbaros, vitória sôbre os excessos dos soberanos cristãos, vitória sôbre o relaxamento dos costumes de seus próprios seguidores, vitória sôbre os erros dos herejes, vitória sôbre a incredulidade revolucionária...

A sociedade que, a exemplo de seu fundador, encontra sempre fôrça para vencer os inimigos externos e internos, está a exigir estudo menos perfunctório, levando-nos a apontá-la, finalmente, não apenas como um organismo dirigido sàbiamente por homens experimentados, mas ainda e essencialmente como algo que, a despeito da pusilanimidade de seus fiéis e dirigentes, goza da assistência de um poder mais alto, que não admite a sua falência, apregoada e esperada há séculos por seus opositores.

É sem fundamento nos dados históricos que agnósticos e niilistas, pirrônicos e materialistas tentam demonstrar a *naturalidade* dessas vitórias da Igreja. Desconhecem êles a base mesma do majestoso edifício, que é mais subjetivo que objetivo, mais imponderável que concreto. A explicação cabal jamais formularão, se não buscarem o *sobrenatural,* sempre presente desde aquêle primeiro Pentecostes, que mereceu o excelso privilégio da presidência de Maria.

(*) Discurso pronunciado no «Triduo Preparatório ao Dia da Igreja do Silêncio», realizado em Fortaleza de 1º a 3 de abril de 1954.

Surgem regimes políticos, sucedem-se sistemas econômicos, digladiam-se teorias várias — e nada é poupado no sorvedouro dos séculos... Fortificam-se os poderosos, sucumbem os que lhes competiam o poder, a majestade parece imarcessível — e um pequeno espaço basta, em breve, para os destroços de tôdas as empáfias...

É que tudo passa nesta vida — "coelum et terra transibunt" —, muito embora nada passe para Deus — "verba autem mea non transibunt". Na voragem do tempo nada fica, à exceção de Cristo e sua Igreja, verdade que levou São Paulo a nos aconselhar a que usemos dêste mundo como se dêle não usássemos, porque — conclui sàbiamente o Apóstolo das Gentes — "a figura dêste mundo passa..."

Não passaram os perseguidores dos tempos primitivos, a coorte de césares, tetrarcas, generais, magistrados *et caterva?*

Que é feito de Nero, do rasto de destruição que deixou atrás de si? Vivendo sòmente para a satisfação de seus baixos caprichos, forcejando passar à história como um grande imperador, Nero nada mais fêz do que ligar seu nome a uma orgia de sangue.

Assim era o primeiro grande perseguidor da Igreja, que se serviu de uma calúnia, a autoria do incêndio de Roma, no ano 64, atribuído perversamente aos cristãos, para iniciar a campanha que o sanguinário imperador supunha viesse a provocar a total ruína da nova Fé.

Tão elevado foi o número de mártires dessa fase histórica, que seria impossível exatamente conhecê-lo. Uns enfrentaram os leões, os tigres e as panteras; alguns sofreram a crucifixão; outros, embebidos em óleos e resinas, foram queimados vivos, iluminando assim a noite espiritual de seus algozes... Nessa avalancha sucumbiram São Pedro e São Paulo, trabalhados por tanta atividade apostólica. Mas seu perseguidor, não muito depois, suicidar-se-ia, com 22 anos apenas, em meio ao regozijo do próprio mundo pagão. Confirmou-se, dest'arte, a sentença divina — "Coelum et terra transibunt..."

Anos mais tarde, o império passou a ser dirigido por Domiciano, homem desconfiado e ambicioso que, ao fim de seu govêrno, haveria de receber o apelido de Nero Calvo, tão perverso se revelou. A exemplo daquele a quem procurou imitar na perseguição movida ao cristianismo, terminou seus dias também tràgicamente, sendo assassinado. Passou — "transibunt" —, enquanto São João Evangelista, uma de suas vítimas pelo destêrro infligido, nos mostra a inanidade dessas violências, pregando o Evangelho do Amor.

Após pequenina trégua, quando as perseguições se limitariam a uma ou outra iniciativa isolada, Marco Aurélio preferiu abandonar a política de tolerância de seus antecessores imediatos, enveredando pelo caminho de uma oposição sangüinolenta. Tendo sido aluno de um dos mais encarniçados inimigos do cristianismo, lançou um rescrito que proibiu a introdução de novas religiões no império, o

que atingia de cheio a fé cristã, e determinou ao procônsul das Gálias que mandasse executar os cristãos que não quisessem aderir à religião oficial romana. Foi vítima sua São Justino, em Roma, bem como o quase centenário bispo de Lião e muitos fiéis.

No govêrno de Cômodo, sucessor de Marco Aurélio, continuou o mesmo estado de insegurança para a Igreja. Foram mártires alguns fiéis, dentre os quais Apolônio, que pertencia à aristocracia romana. Mas a crueldade de Cômodo provocou o atentado que o abateu, sucumbindo tràgicamente às mãos dos próprios pagãos mais um tirano perseguidor da Igreja — "transibunt..."

Setímio Severo, detentor da coroa romana após longa luta por sua posse, não fugiu à regra — tolerante a princípio, transformou-se depois em adversário da Igreja, a essa época mais bem organizada. É dêsse tempo o martírio de Perpétua e Felicidade, que nos legaram exemplo de coragem e intrepidez.

Seguiu-se um período de paz, de mais ou menos quarenta anos, interrompido ainda no breve reinado de Maximino Trácio, quando o Papa Ponciano foi condenado a trabalhos forçados, resistindo pouco tempo aos maus tratos. Também seu sucessor, o Papa Anteros, morreu mártir. O tirano, todavia, sucumbiu, assassinado nas vizinhanças de Aquiléia — "transibunt..."

A Igreja pôde, então, respirar aliviada e crescer numèricamente, com prejuízo da primitiva vitalidade espiritual, situação em que foi surpreendida pela segunda fase de perseguições, iniciada já nos meados do século III, no govêrno de Décio. Êste, tentando restaurar o antigo esplendor romano, tratou logo da unidade religiosa do Império, forçando os cristãos mais tíbios a apostatar. A Igreja, já se disse, é divina, a despeito da fragilidade de seus membros, e o Papa Fabiano reiniciou o rol daqueles que, com a própria vida, haveriam de dar testemunho de Cristo, dentre os quais ressaltemos, ainda, Santa Águeda de Catânia. A perseguição movida por Décio, se bem haja causado grande perturbação à vida normal da Igreja, provocou também um efeito salutar — purificou-a dos maus elementos, que apostaram. Desistindo de seu intento, por convencer-se da impossibilidade de sua execução, Décio veio a falecer na guerra com os godos — "transibunt..."

No govêrno de Galo, seu sucessor, processou-se nova perseguição. É que, ocorrendo uma peste no Império, houve ordem de sacrificar a Apolo, desobedecida pelos cristãos. O Papa Cornélio morreu no destêrro, e Lúcio, seu sucessor na cátedra de Pedro, também foi expulso de Roma. Anos depois Galo sucumbiu vítima de uma revolta movida por pagãos e sua periculosidade desapareceu para sempre — "transibunt..." Assim, foi possível ao Papa Lúcio voltar a Roma, já sob o govêrno de Valeriano, que a princípio foi

tolerante e, pelo fim de seu reinado, mudou de conduta. Visando ao mesmo fim de Décio, procedeu Valeriano com redobrada violência, tentando obrigar os bispos, presbíteros e diáconos a sacrificar aos deuses pagãos, sob pena de destêrro, e proibindo as visitas aos cemitérios e as reuniões do culto, sob pena de morte. Não conseguindo, ainda assim, abalar a fé cristã, foi mais rigoroso — mandou executar os clérigos superiores, caso perseverassem na fé; determinou fôssem apreendidos, de logo, os bens dos fiéis de alta condição social e executados os que não apostatassem; quanto às mulheres nobres, decidiu desterrá-las e confiscar seus bens; condenou, afinal, a trabalhos forçados os oficiais cristãos de seus domínios imperiais. Por via dessa perseguição foram martirizados o Papa Sixto II e seus sete diáconos, entre os quais o glorioso São Lourenço, e ainda o diligente São Tarcísio e o intrépido São Pancrácio. Êsse período de angústias findou com a prisão de Valeriano pelos persas, seus adversários. Tão grande e mal utilizado poder passou ainda em vida do tirano — "transibunt" —, pois seu filho assumiu o govêrno e não se preocupou, sequer, com a sorte do real prisioneiro dos persas.

Então se iniciou segundo período de paz para os cristãos, quebrado quarenta anos depois por Diocleciano. Custa mesmo a crer como êsse imperador romano, após duas décadas de govêrno tranqüilo e prudente, se transformou em feroz inimigo da Igreja. A influência de Galério e Maximiano, com quem dividiu a administração do império, talvez explique tão radical transformação. Foi essa a última e mais sangrenta de tôdas as perseguições romanas, especialmente porque a Igreja havia crescido de tal forma que em muitas cidades do império existiam mais cristãos do que pagãos. O expurgo começou pelo exército, foram depois incendiadas as igrejas e queimados os livros sagrados, os cristãos se viram privados dos direitos civis e os funcionários públicos sofreram condenação a trabalhos forçados. Algum tempo depois, novo rescrito determinava a prisão indiscriminada dos clérigos, e terceira decisão oferecia liberdade aos apóstatas e mandava martirizar os inflexíveis. Quarto documento estendia, afinal, essa penalidade máxima a todos os cristão. Voltou a correr abundantemente, como no tempo de Nero, o sangue dos fiéis, dentre cujos mártires relembremos, reverentes, Santa Inês, Santa Luzia, São Januário, São Brás e São Sebastião. Diocleciano, decepcionado com o insucesso de sua bárbara emprêsa, abdicou — "transibunt" —, acarretando assim a queda de Maximiano e tamanha confusão no Império que sòmente anos depois, com a vitória de Constantino, houve paz em Roma. Paz para o Império e paz para os cristãos, com o edito de Milão, que a todos assegurava o livre exercício do culto, no alvorecer do IV século.

Foi o primeiro grande triunfo da Igreja — a vitória sôbre a

fôrça oposta pelo Império Romano!

Preparava-se, desta forma, para outra batalha decisiva, onde se defrontaria com povos que, a despeito de suas inegáveis qualidades, se achavam em tal estágio de civilização que receberam o qualificativo de *bárbaros*.

Se nada devesse o mundo à Igreja, além do papel que sua doutrina indiscutivelmente representou no abrandamento dêsses povos primitivos, que invadiram os domínios de Roma, só isto seria motivo bastante para merecer eterna gratidão do Ocidente.

Há séculos que êsses povos, oriundos da Germânia, ameaçavam o Império Romano. O enfraquecimento dêste último, motivado pelas lutas externas e internas, mais excitaram o desejo dos nórdicos de apoderar-se das belas regiões do oeste e do sul da Europa. Foi assim que, pelos fins do IV século, a onda devastadora dos bárbaros ultrapassou as lindes do Império Romano, ameaçando tragá-lo com tôdas as suas instituições, a Igreja inclusive. Devem-se aos hunos as iniciativas dêsses movimentos, chefiados por Átila, "o Flagelo de Deus" — como ficou conhecido, tal a impetuosidade com que avançava e a ferocidade com que castigava os vencidos. Mas, já dominadas as cidades do norte da Itália — Aquiléia, Milão, Pavia e Verona, a gravidade do Papa Leão Magno, que lhe foi ao encontro, desguarnecido e sereno, abalou o guerreiro huno, que do local histórico do mesmo encontro retrocedeu para a zona do Danúbio.

O mundo de sofrimento por que passou a Igreja, então, antes que lhe fôsse possível cristianizar todos os povos bárbaros, seria indescritível. É que se trata de um esfôrço contínuo nem sempre compensado pelos resultados aparentes, qualquer coisa de divino só conhecido em suas minudências por quem perscruta o íntimo de todos os corações, martírio talvez mais dificilmente suportável por exigir diàriamente um ato de confiança na Providência...

Foi a vitória da Igreja sôbre a ignorância dos povos bárbaros, de que são eloqüente exemplo os esforços de um Anchieta, de um Nóbrega, de um Francisco Pinto, dilatados até os dias atuais nas selvas de nossa pátria, em que se conquistam almas broncas para o cristianismo e se abrem as portas do céu para legiões de conversos. Bendita vitória, que aproveita menos a quem vence do que a quem é vencido pela doutrina do Amor!

Para se ter idéia exata da benéfica influência da Igreja, vencendo as hordas bárbaras, é suficiente que se compare o estado intelectual e moral dêsses povos no princípio e no fim da Idade Média. No decorrer de um milênio tudo se transformou — em vez de legiões guerreiras que se digladiavam, nações organizadas e submetidas às lições do Evangelho; à ignorância dos velhos tempos, sucedeu um progresso intelectual, corporificado nos mosteiros e nas universidades.

É pena que a êsse novo triunfo da Igreja, tão custoso, de sacrifícios anônimos e continuados, se seguisse nova luta, desta vez contra os excessos do poder temporal dos reis e príncipes ditos cristãos.

Sabido é que Constantino, com o edito de Milão, abriu novas perspectivas à apostolicidade da hierarquia católica. Mas a conversão dos povos bárbaros ao cristianismo, se trouxe indiscutíveis vantagens espirituais, acarretou por outro lado uma série de graves problemas, com as influências que seus soberanos passaram a exercer sôbre o govêrno da Igreja. Os últimos séculos da Idade Média registram, mesmo, um geral relaxamento dos fiéis, causado inclusive pela irregularidade na escolha dos Papas, que se deixaram, vez por outra, influenciar pelos príncipes amigos. Êstes, malgrado se intitularem defensores da Igreja, não poucas vêzes se revelaram verdadeiros opressores do poder espiritual. Por sua vez, êsse relaxamento deu ocasião a outro perigoso costume, a chamada *investidura*, pelo qual os príncipes acumulavam o govêrno civil e o eclesiástico, não sendo sempre escolhido o mais piedoso, porém o de maior influência ou riqueza.

Vencer inimigos externos, sem usar de violência, é coisa realmente extraordinária. Mas sòmente um organismo vitalizado pelo sôpro divino seria capaz de subjugar os inimigos internos, renascendo das próprias cinzas, como a Fênix de que a lenda nos fala.

Motivo de ataques por parte de seus adversários, essa fase crítica da história da Igreja antes serve para provar sua origem divina, contra a qual nada podem os homens, os católicos inclusive, inclusive os padres, os bispos e os papas!

Pois foi em seu próprio organismo, uma vez que seus adversários não se interessam por revitalizá-la, antes almejam-lhe um fracasso impossível, que a Igreja encontrou meios de ressurgir dêsse caos espiritual a que chegara por fôrça da influência de maus católicos. Ao monge beneditino Hildebrando, o futuro Papa Gregório VII, estaria reservada a elaboração da benfazeja reforma, que anulou a influência dos poderosos na eleição dos papas, através do *decreto eleitoral* que reservou aos cardeais a eleição dos futuros pontífices. Alexandre II assim já foi eleito, malgrado a reação dos príncipes e reis, corporificada no antipapa Honório. Até a morte do Papa Alexandre II, o grande reformador Hildebrando conseguira viver em meia obscuridade. Mas, ao presidir as exéquias do falecido pontífice, foi aclamado Papa, tudo fazendo depois para não ser confirmado no elevado pôsto. Baldados seus esforços, o frágil e pequenino monge dispôs-se a realizar vasto e corajoso programa de reforma interna da Igreja, sòmente possível por fôrça da energia com que se impôs às autoridades eclesiásticas e civis, depondo aquêles que, por

simonia, haviam recebido ordens ou administrações eclesiásticas, numa complementação da obra de libertação da Igreja, iniciada pelo *decreto eleitoral*.

Não seria, pois, exagêro afirmar que o movimento que visaria, muitos anos depois, à reforma individual dos católicos e dos clérigos, perjuros à pobreza, à castidade e à obediência prometidas, intentado por São Domingos e São Francisco, através de suas ordens chamadas *mendicantes*, se ligaria a êsse programa gigantesco do monge Hildebrando, corajosamente iniciado pelo então Papa Gregório VII. Realmente, o que os grandes reformadores do século XIII desejavam era a volta a um espírito de desprendimento das coisas do mundo, em que viviam afogados os católicos e parte da hierarquia, plano êsse em tudo condizente com o projeto do genial beneditino.

Mas está escrito que, assim como Cristo foi motivo de contradição e escândalo em sua vida mortal, a Igreja, seu corpo místico, há de ostentar, através dos tempos, a marca mesma de seu divino organizador. Fundamentalmente reformada por São Francisco e São Domingos, que detém a glória de haver propagado a devoção do rosário, a Igreja haveria de enfrentar, séculos depois, terrível crise, com a eclosão do protesto de Lutero. Primeiro elo de uma corrente de muitos anéis, a reforma protestante foi, no terreno religioso, a manifestação do individualismo renascentista objetivado nas artes, como na política o seria mais tarde a Revolução Francesa.

A uma sociedade coletivista, influenciada pela Igreja, mestra e guia dos fiéis, sucedeu um mundo individualista, que apregoa uma liberdade sem peias.

Vencidos os excessos do poder temporal, derrotados os príncipes cristãos em sua pretensão de influir no govêrno da Igreja, esta haveria de, séculos a fora, defrontar-se com uma ininterrupta campanha deletéria, que, baldadamente, pretende abalar o rochedo sôbre o qual Cristo a assentou — Pedro ou seu sucessor, em Roma.

Neste, como nos demais movimentos, cismas ou heresias que enfrentou e venceu, teve a Igreja de chorar o sangue de seus adeptos, derramado por soberanos que traíram a confiança nêles depositada, de que é exemplo a perseguição sofrida na Inglaterra, de onde se pretendeu expulsar, inùtilmente, a fé católica.

A reforma há muito intentada e iniciada viria, sim, mas por meio de homens providenciais, cujo procedimento, em contraste com o do chefe do infeliz movimento luterano, primou pela prática da castidade, da pobreza e da obediência, que são as marcas dos legítimos discípulos de Cristo. A Igreja seria, mais uma vez, erguida da crise que a ameaçava destruir, confirmando-se, assim, a crença numa assistência divina, que a defende dos inimigos externos e internos. Estava, mais uma vez, salva a Igreja, através da reforma interna

que restabeleceu a sua fôrça moral e espiritual, preparou-a para a defesa contra os ataques a receber e recuperou, em dôbro, o terreno acaso perdido, com a conquista de novos territórios espirituais, de que o Brasil é oloqüente exemplo.

Papel preponderante nêsse movimento, que completou, por assim dizer, a obra encetada por Gregório VII e continuada por São Domingos e São Francisco, foi desempenhado por Santo Inácio de Loiola, portador de uma vontade férrea a serviço de um caráter sem jaça. Na solidão de uma gruta, divinamente inspirado, desenvolveu os fundamentos daquilo que chamou *exercícios espirituais,* tal a ginástica intelectual a que se acha obrigado quem os pratica. E, numa progressão ininterrupta de triunfos, logrou a consolação de ver aprovados pelo Papa os estatutos de sua congregação religiosa, cujo escopo principal é a realização dos *exercícios espirituais,* onde se difunde a palavra de Deus e se fortalecem as almas tíbias, intentando-se a cristianização da sociedade, através da educação de seus futuros dirigentes. Graças à sua ótima organização, inspirada na formação militar de Santo Inácio, e ao seu excelente govêrno, pôde a Companhia de Jesus propagar-se ràpidamente, sob as vistas diretas do idealizador.

O resultado dessa reação aí está: — a unidade da Igreja, que contrasta com os dissentimentos do protestantismo, hoje dividido em centenas de seitas que se contradizem entre si, bem como a avalancha de santos que o catolicismo há suscitado nos últimos tempos, cuja nota dominante, por assim dizer, é o espírito de simplicidade de Santa Teresinha do Menino Jesus e a pureza de Santa Maria Goretti, em contraposição aos intricados problemas políticos, sociais e econômicos do mundo moderno, afogado na lama do mais deslavado sensualismo.

Não satisfeitos de combater a Igreja na pessoa de seus chefes e fiéis, campanhas de que saíram sempre derrotados a despeito de pequeninas vitórias passageiras, nova forma foi descoberta, consubstanciada em programa ainda mais diabòlicamente concebido — a luta contra a própria idéia religiosa, através da difusão da dúvida e da descrença.

A partir do século XVIII êsse embate se vem travando, embora estejam soterrados os corifeus da impiedade — "transibunt"... Quando tudo parecia indicar o triunfo definitivo da descrença, ressurge a Igreja, num processo crescente e ascensional, de Pio VI a PIO XII.

Sob várias formas e disfarçada em variegadas roupagens, essa campanha ora afirma que tôdas as religiões são finalmente idênticas no bem que fazem, como se pudesse haver indiferença ante a verdade e o êrro; ora insinua que, se Deus existe, não se importa com o

mundo, como se a um Ser perfeito e justo fôsse possível não almejar o Bem e tolerar o Mal. Nesse crescendo de absurdos e atrevimentos, o homem termina por reconhecer-se como a própria divindade, idéia que, sôbre ser ousada, leva, inevitàvelmente, à revolução, à anarquia e ao comunismo.

Foi êsse liberalismo que engendrou a Revolução Francesa, a qual, para maior confusão dos espíritos, se serviu, afinal, de um lema que assenta suas bases no próprio Cristianismo, que é o maior defensor de uma verdadeira Liberdade, de uma Igualdade bem compreendida e de uma Fraternidade legítima. Mas o que se desejava, efetivamente, era o desencadeamento da mais perigosa de tôdas as conspirações contra a crença católica, corporificada na organização de um mundo que ora combate a fé, vez por outra finge ignorá-la...

Comandada pelas elites descrentes, através de livros adrede preparados, essa conspiração deformou mentalidades, estratificando a aceitação pacífica do que foi ou será conquistado, violentamente, nas barricadas.

A importância da Revolução Francesa decorre, assim, do fato de que resultou de longo e bem trabalhado programa anti-cristão, gerando clima propício a todos os movimentos de ódio à Igreja, unidos neste propósito mais bastante diferentes em suas particularidades.

Foi graças ao propalado espírito de irreverência resultante de tudo isto que Napoleão Bonaparte ousou maltratar o Papa Pio VII, chegando a invadir a Cidade Eterna com o fito de apoderar-se do Estado Pontifício e incorporá-lo ao império francês. Reagindo contra tão despudorada violência, Pio VII excomungou seus responsáveis, recebendo como resposta maior violência — a sua prisão, decretada pelo imperador francês!

Mas as palavras de Cristo não foram ditas apenas para seus contemporâneos nem surtiam efeito sòmente nos tempos primitivos da Igreja. A Providência é a mesma hoje como ontem. Napoleão foi deposto e desterrado — "Coelum et terra transibunt" —, dispondo do tempo necessário para arrepender-se do que fêz, enquanto Pio VII voltou a Roma, engrandecido pelo martírio. Um de seus sucessores, Pio IX, teria de passar por vexame semelhante, tão pouco prudente há se revelado o homem em repetir erros que a história mostra nunca ficarem impunes. A despeito da simpatia conquistada por suas primeiras providências administrativas, Pio IX sofreu o ódio dos inimigos da fé, que não descansavam, como não descansam. Necessitou fugir de Roma, escapando à prisão que lhe preparavam os chefes de uma precária república italiana, instaurada à custa do Estado Pontifício. Garibaldi, afinal, fêz subir ao trono Vítor Emanuel II, usurpador dos direitos da Igreja e fundador da dinastia

que, com a derrota da Itália na segunda guerra mundial, ruiria por terra, persistindo o papado — "verba autem mea non transibunt"...

Impossível seria descrever o rosário de sofrimentos da Igreja, nestes últimos cem anos, mesmo porque êsses algozes modernos mascararam seus intuitos com fórmulas hipócritas, mais ou menos aceitas pela mentalidade liberal que a Revolução Francesa engendrou. Separação da Igreja e do Estado significa perseguição ao culto católico. Liberdade religiosa quer dizer guerra ao ensino católico facultativo. E assim por diante...

Admira, pois, que outros sofrimentos, maiores em intensidade, surjam vez por outra, como a perseguição sangüinária e cínica que o comunismo hoje move contra a Igreja, atrás da chamada "cortina de ferro" ou nas longínquas regiões da Ásia?

Não há sido esta a marca mesma da Igreja — ser perseguida por quantos não aceitam seus postulados eternos?

Protestemos, pois, contra a violência que hoje se pratica, e lamentemos a agonia que sofrem nossos irmãos, obrigados a *silenciar* diante de um poder despótico que nada respeita. Mas cantemos loas ao Senhor, já que aquêle há sido um dos processos de que se tem servido para purificar a Igreja e provar a atualidade de seus postulados — não se combatem fantasmas...

E não seríamos nós, afinal, em parte culpados de não se achar o mundo inteiramente cristianizado, concorrendo destarte para a eclosão de um movimento alicerçado no puro materialismo? Teríamos procedido sempre como depositários de tão precioso legado, como fermento para levedar a massa ou sal para evitar a corrupção?

Parece que no setor político, no plano econômico e no ambiente social do chamado mundo cristão o clima é nada favorável, restando-nos reconhecer como o poeta — "Que tempos de viver-se!" É que o espírito liberal — vale dizer: o *materialismo* — envenenou todos os recantos, impregnou de seu deletério bafio o próprio ambiente da família cristã. E quando a Igreja, pela voz de seus legítimos representantes, reage a êsse dessoramento moral e religioso, que encoraja a maldade de seus gratuitos inimigos, não faltam os que reclamam uma adaptação dos postulados cristãos à vida moderna, melhor chamada de *capitulação,* já que possível não é conciliar pureza e despudor atrevido, sinceridade e esperteza, honestidade e fraude!

Sejamos dignos de nos chamar irmãos dos que sofrem do lado de lá, sem outro remédio — sublime remédio — que o apêlo ao sobrenatural! Vençamos êsse espírito de acomodação que ameaça tragar-nos e não tentemos a Providência, pois não sabemos até quando — foi Nossa Senhora quem nos disse em Fátima — até quando poderá Ela evitar que o braço de Cristo caia, vingativo, sôbre um mundo que subestimou as máximas do Evangelho.

Anotemos o conselho de Mauriac: — "Vós tendes uma alma mortal que não está *isolada*. Muitas outras almas a cercam e sôbre elas *tendes* poder para o bem e para o mal. Quando a Graça diminui em vós, diminui, também, em muitas almas que se apoiam em vós. Por pequenos que sejais, se fordes amigos de Cristo, muitos se aquecerão a êste fogo, tomarão parte nesta luz. As trevas do pecado em vós cegariam os que, agora, iluminais. E no dia em que não arderdes mais de amor, muitos outros morrerão de frio."

É tempo ainda! A exemplo de Madalena, gritemos, arrependidos — "Bom Mestre!" Ou, como São Pedro, digamos, resolutos — "Para onde iremos, Senhor, se só Vós tendes palavras de vida eterna?!"

Preparemo-nos para as pelejas da fé com espírito de seriedade e responsabilidade, pois é possível que venhamos a sentir na própria carne aquilo que hoje sofrem nossos irmãos *silenciosos*...

A êles nossa solidariedade. Mais ainda — a êles nossa reverência, pois estão mais uma vez escrevendo, com o próprio sangue, outra página de heroísmo e resistência cristã.

Sairão vitoriosos — é o que nos assegura a história. Vencerão — é o que nos garante o próprio Cristo. "Coelum et terra transibunt, verba autem mea non transibunt."